

## A SEMIÓTICA ABSTRATA DE MAX BENSE (1)

Jorge Campos da Costa

Este trabalho, que tem por título uma parte da obra de Max Bense "Pequena Estética", se propõe apenas, ao nível metalingüístico, como explicitador da noção complexa de signo, objeto metodológico da semiótica.

Embora seja dada a Bense a posição referencial, torna-se indispensável a este estudo cotejar posições de outros autores não só porque metafísico mas, principalmente, por ter Bense centrado a sua posição na obra de Peirce (1).

Entende o autor da "Pequena Estética" que, em princípio, qualquer coisa poderá ser tomada como signo, desde que seja entendida como tal e somente como tal. Se a estrutura de superfície parece redundante, a subjacente indica que o signo se explica pela própria função.

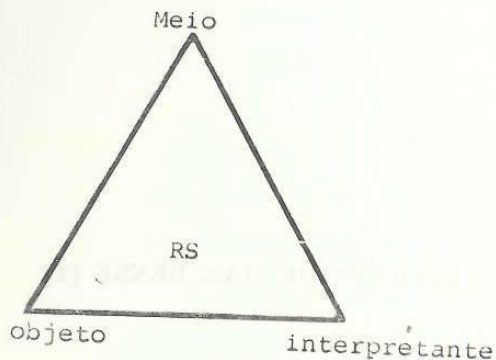
E o que é esta função em Bense? Uma coordenação.

Uma vez que algo é tomado como signo é signo de algo, seu objeto, e não mais objeto. Isto quer dizer que o signo é coordenação, é função mediadora, de certa forma, meta-objeto.

Esta coordenação, em Bense, se manifesta numa relação mantida por três referenciais:

O signo é coordenado, como "melo", a um "objeto" para um "interpretante".

Graficamente é isso:



A relação signíca aqui é triádica, portanto. Já o era em Peirce. Neste, apenas o significante "meio" é dado como "representamem"; o significado é o mesmo.

Nisto, Bense é fiel a Peirce (2).

Ao aprofundar, entretanto, a noção destes três referenciais em um e outro, observa-se uma possível grave diferença. Peirce define a interpretante como o referencial que garante a validade do signo. É afirmação sua que o interpretante é um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido criado no indivíduo pelo representamem tomado como signo por esse indivíduo (3).

Assim, em Peirce, o interpretante aproxima-se do "significado" saussuriano. Representamem e interpretante se implicam mutuamente.

Max Bense, na "Pequena Estética", ao levantar a função triádica que pertence à relação já exposta, determina três funções diferentes:

A "função de realização" correspondente à "referência de objeto", a "função de comunicação" à "referência de meio", a "função de codificação" à "referência de interpretante" (4).

Ora, a função de codificação é um primeiro indício de que, em Bense, a noção de interpretante está reduzida à noção de intérprete. Mas, adiante, ainda na "Pequena Estética", o pensador alemão associa a noção de "interpretante" aos termos "destinatário" e "usuário" (5).

Isso parece confirmar que o referencial interpretante em Max Bense está totalmente submetido à noção de intérprete.

A partir disso verifica-se a diferença.

Se Peirce propõe o "interpretante" como signo que torna legítimo o "representamem", a relação triádica, que propõe, exclui o intérprete como tal, assim como em Saussure o significado não se confunde com o emissor ou o receptor da mensagem.

A grande importância de tudo isso está na delimitação dos referenciais circunscritos à relação signíca. Além do mais, a presença do "intérprete" implicaria imediatamente no fenômeno da percepção em termos fisiológicos, psicológicos, o que levaria a semiótica a atravessar a fronteira de outras ciências.

Ainda do ponto de vista do signo como relação triádica, há uma questão colocada em crise insistentemente por diversos estudiosos. É o referencial "objeto" nessa relação.

Na obra de Bense, como já foi visto, o objeto é um referencial ao qual corresponde a função de realização.

Não havendo uma explicitação maior sobre esse posicionamento, subentende-se que Bense o compreende tal como Peirce.

Este, em "Semiótica e Filosofia", deixa claro que um signo só é considerado como signo na medida em que que o é de um objeto (6).

É condição sua que esse objeto seja o segundo correlato da relação triádica para que o signo se afirme.

Peirce entende que um signo pode ter até mais de um objeto e admite até que, excepcionalmente, possa se confundir com este. Numa situação, por exemplo, em que um ator porte como propriedade teatral a relíquia mesma que esteve envolvida na situação real que está sendo representada (7). É fundamental, entretanto, que não haja a impressão de que em Peirce o objeto é sempre algo de existência real.

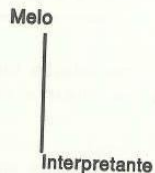
O seu ponto de partida é que o signo sempre terá algo de que seja signo. Mesmo que esse algo seja outro signo.

Por outro lado, o problema que se coloca não é exatamente sobre a existência ou não do objeto, mas sobre a sua afirmação como referencial semiótico.

Umberto Eco, em "A Estrutura Ausente", assume a posição de que o problema do objeto não tem nenhuma pertinência dentro de uma perspectiva semiológica. Ele levanta o caso de "unicórnio" como signo que provoca um Interpretante e que se refere a um animal fantástico, mas inexistente (8).

Parece claro que a exemplificação de Eco é pertinente, porque a existência real ou não do objeto não implica que a sua existência possível não possa ser objeto do signo unicórnio. Além do mais, o significante "unicórnio" é um símbolo no sentido de Peirce, sendo, portanto, um signo convencional.

A semiologia, para Eco, deve levar em conta unicamente o lado direito do triângulo, como foi colocado atrás:



No seu entendimento, o Interpretante nada mais é do que outra representação relativa ao mesmo objeto e para que seja estabelecido é preciso designá-lo mediante outro Interpretante e assim sucessivamente.

Isso leva à compreensão de que se abre um processo de semiose ilimitada que é a única garantia para que um sistema semiológico dê conta de si, com seus próprios melos e apenas com eles (8).

A postura metodológica que toma U. Eco está vinculada a Roland Barthes. Nos seus "Elementos de Semiologia", diz Barthes: "Qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem" . . . "Enfim de um modo mais geral, parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagem ou objetos, cujos significados possam existir fora da linguagem: perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua. Sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem" (9).

Daf o fato de Barthes ter invertido a proposição saussuriana ao afirmar que a semiologia é que é uma parte da lingüística. A parte que se encarregaria das grandes unidades significantes do discurso.

Fazendo uma aproximação de Barthes e Eco com Peirce e Max Bense, percebe-se que há, entre eles, aspectos intrínsecos à estrutura do signo, conjuntivos, e uma percepção do sistema semiológico, disjuntiva.

É possível explicar. À medida que Bense e Peirce defendem o referencial "objeto" na relação triádica, colocam a linguagem como um tipo de signo, mais precisamente o símbolo, ao lado de outros, como o "ícone" e o "índice", sem reduzir estes últimos, na sua capacidade signíca, àquele. Barthes e Eco, porque entendem que qualquer sistema só é significativo na linguagem reduzem tudo a um sistema simbólico que se explica pelo jogo sucessivo de suas próprias convenções.

O que diferencia, fundamentalmente, uns e outros é o como entendem o processo do conhecimento. Se para Barthes só há significação numa linguagem, para Bense a língua é o médium mais conhecido e mais eficaz da mediação consciência-mundo, mas de modo algum o mais elementar, imediato e geral.

Na "Pequena Estética" está claro que para Max Bense os sistemas lingüísticos não se desenvolvem diretamente dos objetos-do-mundo.

São os sistemas semióticos, conjunto conscientizado de sinais que partem do mundo, os responsáveis pela mediação (10).

Daf porque parece legítima a dedução de que, ao nível do referencial "objeto", é que se podem delimitar um dia os campos semiológico e lingüístico.

#### NOTAS

- (1) Cf. Max Bense, **Pequena Estética**, p. 58
- (2) Já se disse que é curiosa a Insistência de Peirce no três (não era quadrado...)
- (3) Cf. Charles Sanders Peirce, **Semiótica e Filosofia**, p. 94
- (4) Cf. Max Bense, **Pequena Estética**, p. 54
- (5) Cf. Max Bense, **Pequena Estética**, p. 56
- (6) Cf. Charles Sanders Peirce, **Semiótica e Filosofia**, p. 97
- (7) Cf. Charles Sanders Peirce, **Semiótica e Filosofia**, p. 95
- (8) Cf. Umberto Eco, **A Estrutura Ausente**, p. 22
- (9) Barthes, Roland. **Elementos de Semiologia**, p. 12
- (10) Cf. Max Bense, **Pequena Estética**, p. 51

#### BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- BENSE, MAX. **Pequena Estética**. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- JAKOBSON, ROMAN. **Linguística e Comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1971.
- BARTHES, ROLAND. **Elementos de Semiologia**. São Paulo, Cultrix, 1972.
- ECO, UMBERTO. **A Estrutura Ausente**. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- PEIRCE, CHARLES SANDERS. **Semiótica e Filosofia**, S. Paulo, Cultrix, 1972.
- SAUSSURE, FERDINAD de. **Curso de Linguística Geral**. S. Paulo, Cultrix, 1970.